

GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 61

PORTUGUÊS 10.º ANO

Tema 13: Camões épico

Subtema 2: O discurso reflexivo em *Os Lusíadas*



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A
APRENDIZAGEM?



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

Vasco da Gama impressiona o Rei de Melinde com os feitos heroicos dos portugueses e a ousadia da viagem que está a realizar. Todos aplaudem. Todos admiram. Porém, alguém levanta a mão para dizer que falta qualquer coisa.

É isso que acontece no final do Canto V d'Os *Lusíadas*. O poeta faz uma pausa na narração para uma reflexão inesperada que é, ao mesmo tempo, elogio e crítica. Vem descobri-la!



O QUE VOU APRENDER?

NO DOMÍNIO ORALIDADE:

- Sintetizar o discurso escutado a partir do registo de informação relevante quanto ao tema e à estrutura.
- Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.
- Utilizar de modo apropriado processos como retoma, resumo e explicitação no uso da palavra em contextos formais.

NO DOMÍNIO DA LEITURA:

- Realizar leitura crítica e autónoma.
- Clarificar tema(s), ideias principais, pontos de vista.
- Interpretar o sentido global do texto e a intencionalidade comunicativa com base em inferências devidamente justificadas.

NO DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA:

- Interpretar textos literários portugueses de diferentes autores e géneros, produzidos entre os séculos XII e XVI: Luís de Camões, *Os Lusíadas* (reflexões do poeta).
- Relacionar características formais do texto poético com a construção de sentido.
- Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto, designadamente: alegoria, interrogação retórica, metonímia, aliteração, apóstrofe, anástrofe.
- Comparar textos em função de temas, ideias e valores.
- Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos presentes nos textos.
- Expressar, oralmente ou por escrito, pontos de vista fundamentados, suscitados pelas obras e seus autores.

NO DOMÍNIO DA ESCRITA:

- Escrever sínteses, exposições sobre um tema e apreciações críticas, respeitando as marcas de género.
- Redigir o texto com domínio seguro da organização em parágrafos e dos mecanismos de coerência e de coesão textual.



COMO VOU APRENDER?

GTA 60: Porque se interrompe a narração no final do Canto I?

GTA 61: Para Camões, vale mais a espada ou a pena?

GTA 62: Mudam-se os tempos... E as vontades?

GTA 63: A voz do poeta: indignação, lamento ou apelo?

GTA 64: Como termina a epopeia de Camões?

Tema 13: Camões épico

Subtema 2: O discurso reflexivo e crítico em *Os Lusíadas*

GTA 61: Para Camões, vale mais a espada ou a pena?

Objetivos:

- Compreender o contexto narrativo que enquadra as estrofes 92 a 100 do Canto V.
- Garantir a compreensão das estrofes lidas, recorrendo à estratégia de recuperação da ordem sintática natural em anástrofes e hipérbatos que caracterizam o estilo de Camões.
- Compreender o valor e a função da anástrofe.
- Ler as estrofes 92 a 98 do Canto V:
 - identificando sentido global, tema(s), ideias centrais da reflexão;
 - fazendo inferências de diferentes tipos;
 - explicitando a intencionalidade crítica e os argumentos e exemplos que a sustentam.

Modalidade de trabalho: individual e em pequenos grupos.

Recursos e materiais: caderno e *internet*.

**ETAPA 1 – Pré-leitura | Enquadramento da reflexão do final do Canto V**

Em pequenos grupos, verifiquem se conseguem dar resposta a estas questões:

Como continua a narração do Canto II até ao Canto V d’*Os Lusíadas*?

Quem é o narrador nesses cantos e em que circunstâncias faz a narração?

Onde se enquadram episódios que leste no 9.º ano, como Inês de Castro, as despedidas em Belém ou o encontro com o Adamastor?



Para descobrires as respostas, consulta os quadros-síntese dos Cantos II, III, IV e V d’*Os Lusíadas*, nos anexos disponibilizados no final deste guião.

Lê as estrofes que se seguem e **descobre** o que se passa imediatamente antes do poeta iniciar uma reflexão crítica, no final do Canto V.

Consulta as notas e a reordenação dos versos disponibilizada do lado direito das estrofes, para te facilitar a compreensão.



Terminada a narração da História dos portugueses por Vasco da Gama ao Rei de Melinde e à comitiva que o acompanhara até às naus portuguesas, o poeta retoma a narração dos eventos, dando conta do estado de espírito dos que escutaram a narração do Gama.

90

*Da boca do facundo Capitão¹
Pendendo estavam todos, embebidos,
Quando deu fim à longa narração
Dos altos feitos, grandes e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos;
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade d'ânimo e nobreza.*

Todos (povo e Rei de Melinde) estavam, pendendo, embebidos, da boca do Capitão facundo, quando deu fim à narração longa dos feitos altos, grandes e subidos.

O Rei (de Melinde) louva o coração sublime dos Reis (portugueses) conhecidos em tantas guerras; louva a força antiga, a lealdade de ânimo e a nobreza da gente (portuguesa).

91

*Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou;
Nenhum deles da gente os olhos tira
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Délio² as rédeas vira
Que o irmão de Lampécia mal guiou³,
Por vir a descansar nos Tétios⁴ braços;
E el-Rei se vai do mar aos nobres paços.*

O povo, que se admira, vai recontando o caso que cada qual mais notou; nenhum deles tira os olhos da gente (portugueses) que rodeou caminhos tão longos.

Mas já o jovem Délio vira as rédeas que o irmão de Lampécia mal guiou, para vir descansar nos braços de Tétis e El-Rei (de Melinde) vai-se do mar aos paços nobres.

NOTAS:

- ¹ eloquente Vasco da Gama. ² Apolo, deus do sol.
³ Referência ao mito de Fateonte que conduziu o carro do pai, deus sol, e quase queimava a Terra.
⁴ de Tétis, deusa do mar (onde o sol se vai pôr).

Para compreenderes *Os Lusíadas*, por vezes, precisas de recuperar a ordem natural dos elementos da frase que Camões alterou criativamente para obter efeitos de ênfase ou para respeitar a rígida estrutura métrica e rimática.

A essa alteração da ordem natural dos elementos da frase chamamos:

Anástrofe

(quando a inversão dos elementos da frase é mais suave)

«Louva o Rei o sublime coração / Dos Reis ...»

O Rei louva o sublime coração dos Reis ...»

ou

Hipérbato

(quando a inversão dos elementos da frase é mais violenta)

«Vai recontando o povo, que se admira, O caso cada qual que mais notou;»

O povo, que se admira, vai recontando o caso que cada qual mais notou.



ETAPA 2 – Leitura | Reflexão do poeta no final do Canto V – estrofes 93 e 94



Escuta a leitura das estrofes 92 a 100 do Canto V, correndo o vídeo de **3h51min41s** a **3h55min**.

Coloca hipóteses sobre o tema da reflexão crítica do poeta nessas estrofes.



[«Lusíadas, Camões \(declamação completa\)», por Manel Cruz.](#)

Faz uma leitura silenciosa das primeiras duas estrofes da reflexão do poeta, transcritas a seguir, e **consulta** as notas e a reordenação dos elementos frásicos de alguns versos apresentadas do lado direito.

Completa esse exercício para os versos cujas caixas ainda estão por preencher e **treina** a capacidade de ler e decodificar os versos com hipérbatos ou anástrofes.

A tese geral: o louvor poético como motor de grandes feitos

92

Quão doce é o louvor e a justa glória
Dos próprios feitos, quando são soados¹!
Qualquer nobre trabalha que² em memória
Vença ou iguale os grandes já passados.
As envejas da ilustre e alheia história
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valorosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita³.

(a)

O louvor a outros esperta e incita muito a quem exercita obras valorosas.

93

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Aquiles, Alexandro⁴, na peleja⁵,
Quanto de quem o canta os numerosos
Versos: isso só louva, isso deseja.
Os troféus de Milcíades⁶, famosos,
Temístocles⁷ despertam só de enveja;
E diz que nada tanto o deleitava
Como a voz que seus feitos celebrava.

Alexandre não tinha em tanta conta os feitos gloriosos de Aquiles na peleja, quanto os numerosos versos de quem o canta.

(b)

NOTAS: 1 proclamados, cantados. 2 para que. 3 estimula. 4 Alexandre o Grande. 5 batalha. 6 general grego responsável pela vitória na batalha de Maratona. 7 destacado general ateniense.

Frederico Lourenço (2024). *Camões. Uma antologia. Textos escolhidos e anotados*. Quetzal (p.123).

Identifica e **explica** a um colega os argumentos apresentados nestas estrofes para sustentar a tese (opinião) de que o louvor poético (as letras / a poesia) é motor de grandes feitos (as armas). **Segue** estes passos.

1. Argumento 1 (estrofe 92, versos 1 a 4)
2. Argumento 2 (estrofe 92, versos 5 a 8)
3. Exemplos ilustrativos (estrofe 93)



ETAPA 3 – Leitura | Reflexão do poeta no final do Canto V – estrofes 94 a 98

Prossegue a leitura das estrofes seguintes. **Consulta** as notas e **preenche** as caixas vazias, explicitando o sentido e a ordem frásica dos respetivos versos.

Desenvolvimento da argumentação com apresentação de um contraste

94

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações que o mundo canta
Não merecem tamanha glória e fama
Como a sua, que o Céu e a Terra espanta.
Si; **mas** aquele Herói¹ que estima e ama
Com dões², mercês, favores e honra tanta
A lira Mantuana³, faz que soe⁴
Eneias, e a Romana glória voe⁵.

Sim; mas aquele Herói que estima e ama a lira Mantuana [Virgílio], com dons, mercês, favores e tanta honra, faz (com) que Eneias soe e a glória Romana voe.

95

Dá a terra Lusitana Cipiões,
Césares, Alexandros, e dá Augustos⁶;
Mas não lhe dá contudo aqueles dões⁷
Cuja falta os faz duros e robustos⁸.
Octávio⁹, entre as maiores opressões,
Compunha versos doutos e venustos¹⁰
(Não dirá Fúlvia, certo, que é mentira,
Quando a deixava António por Glafira) ¹¹.

96

Vai César sojugando toda França
E as armas não lhe impedem a ciência ¹²;
Mas, nãa mão a pena e noutra a lança,
Igualava de Cícero a eloquência ¹³.
O que de Cipião se sabe e alcança
É nas comédias grande experiência.
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe à cabeceira.

(a)

O que se sabe e alcança de Cipião é a grande experiência nas comédias. Alexandro lia Homero de maneira que se sabe que sempre o [tinha] à cabeceira.

97

Enfim, não houve forte Capitão
Que não fosse também douto e ciente ¹⁴,
Da Lácia, Grega ou Bárbara nação,
Senão da Portuguesa tão somente.
Sem vergonha o não digo: que a razão
De algum não ser por versos excelente ¹⁵
É não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe arte, não na estima.

Enfim, não houve Capitão forte da nação Lácia, Grega ou Bárbara que não fosse também douto e ciente, senão tão somente [exceto] da Portuguesa.

Sem vergonha não o digo: que a razão de algum (português) não ser excelente por versos é não se ver o verso prezado, porque quem não sabe arte [poética], não a estima.

NOTAS: 1 Imperador Augusto. 2 dádivas, ofertas. 3 a poesia de Vergílio. 4 seja celebrado/cantado. 5 se espalhe pelo mundo. 6 nomes de grandes heróis militares e políticos da antiguidade. 7 dons, talentos. 8 insensíveis, incultos. 9 imperador romano. 10 sábios e elegantes. 11 Fúlvia foi a mulher que Marco António deixou para ficar com Glafira. 12 sabedoria, conhecimento. 13 dom da palavra. 14 culto, erudito, homem de letras. 15 de não haver grandes poetas.

Continua → **estrofe 98**



98

Por isso, e não por falta de natura¹⁶,
Não há também Virgílios¹⁷ nem Homeros¹⁷;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneias nem Aquiles ferros.
Mas o pior de tudo é que a ventura¹⁸
Tão ásperos os fez e tão austeros,
Tão rudos e de engenho tão remisso¹⁹,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada disso²⁰.

(c)

NOTAS: 16 talento, inspiração. 17 poetas da antiguidade. 18 sorte, destino. 19 tão rudes, grosseiros e desleixados. 20 lhes interessa pouco ou nada as letras, a cultura, o conhecimento.

Frederico Lourenço (2024). *Camões. Uma antologia. Textos escolhidos e anotados*. Quetzal (p.123).

Nas estrofes 94 a 97, desenvolve-se um contraste que tem uma intenção crítica e traz novos argumentos para apoiar a ideia defendida.

 As palavras sublinhadas nas estrofes ajudam-te a identificar o contraste.

Em par ou em pequeno grupo, **construam** um esquema em que explicitem esse contraste, dando conta das duas situações diferentes, dos exemplos apresentados, das causas e consequências.

Se precisarem, **usem** e **completem** o modelo de esquema que aqui deixamos.

Canto V, estrofes 94–97: O contraste entre ____ (a) ____ e ____ (b) ____ -

(a)

≠

(b)

- Relação entre armas e letras:

→ ____ (c) ____

- Exemplos apresentados pelo poeta:

→ ____ (d) ____

→ ____ (e) ____

→ ____ (f) ____

- Ideia valorizada pelo poeta:

→ ____ (g) ____

- Relação entre armas e letras:

→ ____ (h) ____

- Causa apontada pelo poeta:

→ ____ (i) ____

- Consequência dessa atitude:

→ ____ (j) ____

- Ideia criticada pelo poeta:

→ ____ (k) ____

Conclusão a retirar:

Em síntese, o poeta critica ____ (l) ____
e valoriza ____ (m) ____.



Individualmente, **classifica** cada afirmação como verdadeira ou falsa, de acordo com as ideias defendidas nas estrofes 94 a 97.

1. Os feitos militares precisam de reconhecimento literário.
2. Portugal não tem grandes heróis para serem celebrados.
3. Na Antiguidade, os grandes guerreiros também cultivavam as letras.
4. A falta de poetas deve-se à falta de talento natural dos portugueses.

Justifica as tuas respostas com ideias ou citações das estrofes.



No próximo Guião de Trabalho Autónomo (n.º 62) prosseguirás com a leitura das duas estrofes finais (99 e 100) desta reflexão do poeta sobre o valor das armas e das letras.



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

ETAPA 2 – Leitura | Reflexão do poeta no final do Canto V

Respostas (preenchimento das caixas):

- (a) Qualquer nobre trabalha para que vença ou iguale em memória os grandes já passados.
- (b) Os troféus de Milcíades despertam somente inveja em Temístocles.

ARGUMENTO 1 (estrofe 92, vv. 1-4): O louvor e a glória dos feitos, quando são divulgados/cantados, motivam qualquer pessoa nobre a trabalhar para igualar ou superar esses grandes feitos do passado.

ARGUMENTO 2 (estrofe 92, vv. 5-8): O louvor ou o elogio dos poetas às histórias ilustres de outros desperta/estimula o desejo de os imitar e superar realizando obras de valor.

Exemplos ilustrativos (estrofe 93): Os grandes heróis da antiguidade (Alexandre, Temístocles) são exemplos concretos de quem valorizou mais a poesia que celebrava os feitos heroicos do que os próprios feitos em si, pois o que desejavam era ser cantados pelos poetas.

ETAPA 3 – Leitura | Reflexão do poeta no final do Canto V – estrofes 94 a 98

Respostas (preenchimento das caixas):

- (a) Mas, numa mão a pena e noutra a lança, igualava a eloquência de Cícero.
- (b) Mas o pior de tudo é que a ventura os fez tão ásperos e tão austeros, tão rudes e de engenho tão remisso, que isso lhe(s) dá (interessa) pouco ou nada.



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

Modelo de esquema preenchido:

Canto V, estrofes 94–97: O contraste entre outras nações e Portugal

Outras nações (antiguidade clássica)

- Relação entre armas e letras:
 - Os grandes capitães conciliavam a ação militar com a cultura e o saber; valorizavam as letras.
- Exemplos apresentados pelo poeta:
 - imperador Augusto – protetor de Vergílio que cantou o herói Eneias.
 - Júlio César - guerreiro e homem de letras («nũa mão a pena e noutra a lança»)
 - Cipião – associado às artes
 - Alexandre – lia Homero
- Ideia valorizada pelo poeta:
 - Os verdadeiros heróis não desprezavam a cultura, pois a glória é reforçada pelas letras e pelo saber.

≠

Portugal (do século XVI)

- Relação entre armas e letras:
 - Em Portugal, os capitães e heróis de armas não são homens de letras nem valorizam a poesia.
- Causa apontada pelo poeta:
 - A desvalorização da arte e da poesia — “quem não sabe arte, não na estima”
- Consequência dessa atitude:
 - Não surgem grandes poetas (“Virgílios nem Homeros”) nem heróis plenamente celebrados.
- Ideia criticada:
 - A desvalorização das letras e do saber torna os heróis rudes e insensíveis e não estimula o aparecimento de poetas.

Conclusão a retirar:

Em síntese, o poeta critica a sociedade portuguesa por desprezar as letras e valoriza o modelo clássico de união entre armas e cultura.

Respostas exercício V/F:

1. Verdadeira, porque versos como «A lira Mantuana, faz que soe / Eneias, e a Romana glória voe» confirmam esta afirmação.
2. Falsa, uma vez que a afirmação é contrariada nos versos «Dá a terra Lusitana Cipião, / Césares, Alexandres, e dá Augustos».
3. Verdadeira, já que ao longo das estrofes o poeta dá vários exemplos que provam a veracidade desta afirmação, é o caso de César que tem numa «mão a pena e noutra a lança».
4. Falsa, uma vez que o poeta explica que não é por «falta de natureza», ou seja, não é por falta de talento e inspiração que não há grandes poetas em Portugal para celebrar os feitos dos portugueses, mas sim porque a arte não é valorizada e cultivada pela sociedade portuguesa («quem não sabe arte, não na estima»).



O QUE APRENDI?

Mesmo sem teres acabado de ler todas as estrofes da reflexão no final do Canto V, **já conseguiste perceber** se, para Camões, vale mais a espada ou a pena?

És capaz de:

- compreender o contexto narrativo que enquadra as estrofes 92 a 100 do Canto V?
- garantir a compreensão das estrofes lidas, recorrendo à estratégia de recuperação da ordem sintática natural em anástrofes e hipérbatos que caracterizam o estilo de Camões?
- compreender o valor e a função da anástrofe e do hipérbato?
- ler as estrofes 92 a 98 do Canto V, identificando sentido global, tema(s), ideias centrais da reflexão; fazendo inferências de diferentes tipos; explicitando a intencionalidade crítica e os argumentos e exemplos que a sustentam?

Ainda **tens** dúvidas?

Sugestão:

Visualiza a videoaula e **acompanha** as explicações da professora sobre a reflexão do poeta no final do Canto V.



[Videoaula n.º 45, 10.º ano de Português.](#)
[#EEC.](#)



COMO POSSO COMPLEMENTAR A APRENDIZAGEM?

Explora os recursos interativos que, inspirados em estrofes da narração do Gama ao Rei de Melinde em *Os Lusíadas*, te propõem reflexões inesperadas e atuais.



[«Partir ou não partir».](#)
[Estudo Autónomo.](#)



[«Novos e velhos Adamastores».](#)
[Estudo Autónomo.](#)

Prepara-te para as próximas atividades, pesquisando casos contemporâneos de «armas vs. letras», ou seja, situações atuais em que se verifica desvalorização da cultura/educação. Por exemplo:

- diferenças salariais entre profissões (futebolistas vs. professores ou investigadores);
- problemas ligados a investimento público na cultura;
- tipo de eventos culturais que recebem cobertura mediática;
- impacto de *influencers* vs. escritores/cientistas.



ANEXOS

Estrutura interna d'Os Lusíadas – Cantos II e III

CANTO II:

- **Estrofes 1 a 32:** Os perigos em Mombaça confirmam-se: Baco finge ser um sacerdote cristão e prepara uma cilada. Vénus convoca as Nereidas para impedir as naus de entrarem no porto de Mombaça e afastar os portugueses da cilada. Vasco da Gama agradece a Deus o milagre, quando se apercebe que fora enganado.
- **Estrofes 33 a 55:** Vénus procura Júpiter, seduzindo-o para a sua causa favorável aos portugueses. Júpiter comove-se com o pedido de Vénus e profetiza os grandes feitos futuros dos portugueses no oriente.
- **Estrofes 56 a 64:** Mercúrio, a mando de Júpiter, prepara uma boa receção para os portugueses em Melinde, espalhando a sua fama, e aparece a Vasco da Gama em sonhos, alertando-o para que fuja de Mombaça e continue a navegação até.
- **Estrofes 65 e 113:** Fuga de Mombaça e navegação até Melinde, onde os portugueses são bem acolhidos. O Rei de Melinde, recebido na armada por Vasco da Gama, elogia os portugueses, oferecendo-lhes toda a ajuda e pede ao Gama que lhe conte tudo sobre os portugueses.

Planos:

Plano da viagem com interferência do plano mitológico

Plano mitológico

Plano da viagem em alternância com plano mitológico

Plano da viagem

CANTO III:

- **Estrofes 1 a 2:** O poeta faz uma invocação a Calíope, pedindo inspiração para contar o que o Gama contou ao Rei de Melinde.
- **Estrofes 3 a 22:** Início da narração por Vasco da Gama: descrição da Europa, localização e formação do Reino de Portugal.
- **Estrofes 23 a 117:** Gama narra a história dos primeiros reis de Portugal, das suas façanhas, batalhas e conquistas.
- **Estrofes 118 e 135:** Episódio de Inês de Castro, que ocorre durante o reinado de D. Afonso IV.

Planos:

Plano da História de Portugal encaixado no plano da viagem (o narrador é Vasco da Gama)



Estrutura interna d'Os Lusíadas – Cantos IV e V

CANTO IV:

- **Estrofes 1 a 76:** Vasco da Gama narra ao Rei de Melinde a História de Portugal dos séculos XIV e XV. Destacam-se o episódio da Batalha de Aljubarrota e o sonho de D. Manuel sobre a conquista do oriente e a viagem à Índia.
- **Estrofes 77 a 104:** Gama continua agora como narrador participante. Relata como foi convocado para chefiar a armada para a Índia, relata as despedidas em Belém, antes de partirem para a viagem e o episódio do Velho do Restelo que condena a ambição de glória e fama e questiona os motivos da viagem.

Planos:

Plano da História de Portugal

Plano da História de Portugal desemboca no plano da viagem

CANTO V:

- **Estrofes 1 a 36:** Vasco da Gama narra a partida das naus de Lisboa e a navegação no Atlântico até entrar no hemisfério sul. Descreve as dificuldades e «casos maravilhosos» como fogo de Santelmo e tromba marítima. Narra o desembarque na Ilha de Santa Helena, o encontro com os autóctones e o cómico episódio de Veloso que os leva a ter de fugir dali.
- **Estrofes 37 a 60:** A narração do Gama foca-se agora no momento em que a armada chega ao Cabo da Boa Esperança, onde se dá o episódio simbólico do Adamastor, que profetiza naufrágios aos portugueses como vingança por se terem atrevido a entrar nos seus domínios. Porém, o gigante acaba por desaparecer deixando passar os portugueses.
- **Estrofes 61 a 91:** O Gama narra como foram bem recebidos em S. Brás por «etíopes» e continuaram viagem pelo Índico desconhecido, passando grandes dificuldades (correntes e climas difíceis, doenças como o escorbuto e morte de companheiros) e descobrindo lugares novos a que deram nomes (ex.: Costa do Natal, Rio dos Bons Sinais). O Gama recorda como foram atraídos em Moçambique e Mombaça e termina engrandecendo o heroísmo daquela viagem face às histórias antigas efabuladas. O Rei de Melinde elogia os portugueses e retira-se.
- **Estrofes 92 a 100:** Reflexão do poeta.

Planos:

Plano da viagem

Cruzam-se os planos da viagem e mitológico

Plano da viagem

Plano das reflexões do poeta